

O BOQUEIRÃO JUSTIÇADOR¹

Epíteto Fontes



[9]² E Juvêncio, deixando livre o rosto, dobrou o travesseiro, que farfalhava com um sóido de palha de milho em atrito, enrolou-o em semicírculo à cabeça e, tendo a face apoiada a uma das extremidades dele, aplicou a outra com a mão, fortemente, de encontro ao ouvido; e ficou-se à espera do sono. Todos os ruídos da chuva, que rugia, tempestuosa, lá fora, se lhe tornaram indistintos, substituídos por uma grande zoeira que lhe enchia o cérebro, como o zumbido de um moscardo enche o vazio de uma caverna; por vezes, ele sentia o crepitar da palhagem sob a compressão nervosa dos dedos. Mas era só.

Tentava baldadamente adormecer; não sabia explicar aquilo: tinha o corpo abrasado em calor, mas seus pés frios, e de uma frieza que doía; pensava em “tanta história” e chegava — que coisa! — chegava a odiar a companheira por lhe dormir placidamente ao lado, deixando-o, a ele, naquela “inferneira”.

¹ FONTES, Epíteto. O boqueirão justicador. *Fon-fon*, Rio de Janeiro, Ano XLII, n. 2.168, p. 8-10, 20, 54 e 59, 23 out. 1948.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

Abriu os olhos ardidos; a treva lhe era absoluta em derredor; tossiu, a própria tosse lhe trouxe uma impressão estranha, fê-lo tremer num grande susto; contra o ouvido, apertou, ainda mais, o travesseiro, mas, às súbitas, um clarão sulfúreo iluminou o quarto — era um corisco lá fora. Aquela fúlgura luz restituiu-lhe a coragem; então, já calmo, ao abandonar a posição forçada, vieram-lhe às oíças, num atropelo, todos os ruídos exteriores, como, aos gorgolões, se canalizam para um bueiro as águas soltas de um enxurro. Sentou-se na cama, consertou a garganta num pigarreio lento, mais para expelir de si os vis terrores que o assaltavam de novo, e, tendo na úmida treva dos seus olhos ainda cintilas do relâmpago, começou a persignar-se, quando o estarreceu no gesto fragoroso trovão, ecoando em rábido ribombo rouco. O jirau que lhe servia de leito e a casa toda vibraram num trêmto; o ar repercutiu, por algum tempo, as aboas noturnas.

— Êta! Chuvada braba! Santa Barba...

E calou-se. A sua voz grossa alentou-o de algum modo. O aguaceiro, rufando no telhado, tamborilando nas frondes da mata vizinha, estrepitando nos sapezais e em torno, caía, descontinuadamente: vez em vez, a ventania desencadeada açulava, em lufadas, aos saltos, bufando, silvando, açoitando o arvoredado, impiedosa, e arrancando-lhe gritos vegetais; ora apanhava, ao longe, ao acaso, folhas mortas e as vinha, em torvelinho, em revoadas, atirar contra as paredes; ora, famulenta mendiga, batia em portas e janelas, uivando, sinistra, implorando, gemente, exigindo, imperiosa... Dir-se-ia, ao ouvi-la, que uma caterva terrível de cadelas hidrófobas passasse!

E ele, Juvêncio, sem poder dormir, sem poder aproveitar dormindo “aquilu tudu”! Também o culpado era ele, que se punha a matutar numas

“côsas”. Teve um novo arrepio de medo: quase junto, no chão, caíra uma pedra; pôs-se à escuta: não, não era pedra; era uma goteira.

— Diabo de chuva!

Levantou-se; meteu o braço sob o colchão e procurou, tateando, a caixa de fósforos: lá estava! Com um dos palitos, raspou-a; houve um estralo e rebentou a chama, vacilando, tremendo, chiando no ar umedecido. Protegendo-a com a mão, buscou acender um candeeiro de querosene; a torcida inflamou-se, fumarando aos cambaleios. O vento zagunchava fora. Na mesa pequenina e denegrida pelo tempo, sobre que repousava o candeeiro, e em torno dele, havia mariposas mortas, besouros escuros e cascas de amendoim e mandioca. Juvêncio tirou de um dos cantos do quarto, que era também cozinha, uma grande purunga seca, simetricamente cortada. Pelo barulho das gotas a caírem, orientou-se e, mesmo sobre a mancha, que no solo se formara, colocou a vasilha para recebê-las.

— Devia di ser tardi — resmungou. Apanhou um garrafão e, arqueando o busto e derreando à cabeça, levou-o à boca demoradamente. — Nem um gole! Pros diabos! A módi qui tavam suciando na pinga! — Foi a um cabide, que era uma lasca de guarantã fincada à altura de homem no barro da parede; de um dos bolsos do paletó tirou o rolo de fumo; em seguida, com o auxílio de um largo facão, picou-o, fez um cigarro, queimou-lhe a ponta na flama do candil; chegou-se ao jirau, arranjou as cobertas, empurrou, zangado, a mulher, que, mesmo adormecida, protestou no sono com um ronquido, soprou a luz e deitou-se, fumando.

A goteira estilava, agora isócrona, com pancadas soturnas de água a cair em água; era a purunga que se enchia. O temporal diminuía de intensidade; o vento soprava, brando, sem rajadas; quando em quando, a

casa se iluminava extraordinariamente pelas frinchas inúmeras, a cada fuzil que estriava o céu, como uma seteira rodeada, muitas vezes, pelo clarão fugaz de incêndio efêmero.

Não era a primeira vez que lhe acontecia aquilo: ficar até tarde, acordado, banzando. O que o aborrecia, entretanto, era o amiudarem-se as insônias. Desde que se casara, — e já tinha três *famia* — nunca sofrera daquelas histórias. Seria medo? Não. O que passara, passara; medo não era, que diacho! Ele jamais se tivera por medroso.

Assim pensava, no escuro e, toda vez que chupava o cigarro, o lume reacendia, aclarando-lhe as mãos, o rosto, os olhos estrábicos e a barba de caboclo, cheia de tons ruivos.

Fazia quase sete anos: ele era amigo de Claudino, tinham ambos a mesma idade: andavam sempre juntos nos folguedos da roça, ao luar, quando os matos branqueiam “como si Deus Noss'Sinhô peneirassi purvíio em riba das arvis”; então, quantas vezes Juvêncio acompanhara o amigo nos descantes à viola.

[10] Quando a Lucinda, aquela lindeza, de um moreno mais suave que o jambo e de boca mais fresca que um botão de rosa em desabrocho, quando da Tapera veio, ali à Serra, morar em companhia da tia, Inhá Elisa, os dois homens brigaram. Do extremado afeto, passaram ao rancor mútuo, e ninguém mais, além de ambos, lhes conheceu o rompimento, mas só depois de verificar um dia que Lucinda dava francamente preferência ao rival foi que nasceu em Juvêncio a ideia do crime. A princípio, repeliu-a como absurda e monstruosa; mais tarde, se acostumou a ela; afinal, para viver, a morte do êmulo se lhe afigurou necessária, inadiável. Uma noite, noite curta e trevosa de verão: vagalumes luciluziam nas quebradas, astros brilhavam,

trêmulos, na altura, armou-se e tomou pelo atalho que ia ter ao Campinho, pequena situação onde Claudino vivia em companhia das irmãs. Havia festa na cidade e, casualmente, ele soubera na véspera que Claudino estaria só. Com facilidade, fez girar a taramela, abriu a porta e penetrou a casa; mas inexplicavelmente um terror profundo, estranho, irreprimível o empolgou: tremia, suas mãos eram álgidas e tressuavam, a epiderme tornara-se-lhe ríspida e lhe ardia num formigamento; o coração, ele o sentia aos baques, precípites, rente ao pescoço; cuidou que o coração lhe saísse pela boca: viera correndo. “Mas se Claudino acordasse?”, perguntava de si para consigo. E numa das mãos trazia um cacete de peúba; a casa era de taipas antigas e a uma delas o caboclo se apoiou; o braço, porém, lhe tremia convulsivamente, e um pedaço de calça, que ele tocara, caiu, estorroando-se. O que lhe poderia trazer o fracasso do plano sinistro foi-lhe a salvação: aquele ruído lhe deu o império de si mesmo. Ante o imenso risco de ali ser descoberto, desapareceu-lhe de brusco a dolorosa frieza do ventre e os olhos se lhe desanuviaram; avançou, pé ante pé; caminhava... as juntas dos ossos, por vezes, lhe estalavam ao andar e ele estacava, presa a respiração, à escuta: gambás corriam no forro e, fora, morcegos silvavam, tritrinavam grilos sob os relvados, curiangos cantavam, gargarejavam sapos nos brejais e, docemente, continuamente, vinha de longe um escachoo d'águas.

Era tudo. Caminhava... o soalho rangia aos seus pés; suas pupilas procuravam fender a obscuridade, desfazendo-a; prosseguia... o cérebro procurava receber, separar, explicar os rumores... Claudino dormia em ressonô brando. Juvêncio aproximou-se dele nas trevas e, como lhe conhecesse o sono pesado, começou de palpar-lhe o corpo, sem receio de despertá-lo; palpou-o... seus dedos encontraram, em breve, o peito do

adormecido; então, tendo se abaixado sobre ele e sacado da algibeira uma navalha, percutiu-lhe a garganta com um profundo golpe. O sangue jorrou da carótida em jatos quentes que atingiram a cara do assassino e afogaram na gorja o gemido da vítima. Juvêncio, insatisfeito, afastou-se para voltar de seguida e esbordoar, sem ver, em fúria cega, o rival moribundo.

Consumado o excídio, ele abandonou o teatro do seu delito; o ar da noite recendia perfumes brandos, pairava sobre a grande natureza uma religiosidade serena e absoluta; e o homem, apesar de embrutecido pela paixão, sentiu, em forma de medo, aquela beleza, e fugiu, correndo, para não brutalizar com a sua alma de monstro a selvagem e comovedora virgindade das coisas...

No rio, lavou o rosto e as mãos, atirou à corrente o cacete ensanguentado e, como percebesse nódoas frescas na camisa, arrancou-a de si, desfê-la em tiras e as lançou igualmente à correnteza. Viu-as ainda afastarem-se, descerem ao sabor das águas, como um bizarro camalote branco, e recolheu, de busto nu, ao casebre. Antes de entrá-lo — lembrava-se bem! —, lançou um olhar demorado ao derredor para certificar-se de que ninguém o vira: lá embaixo, ao sopé da serra, no quadro anoitecido do horizonte, brilhava um lumaréu, para extinguir-se, uma agonia de queimada. Ele, ao vê-la, teve a impressão horrível de que o Eterno, para espioná-lo, abrisse uma pupila de fogo na montanha!

Na manhã seguinte, foi encontrado o cadáver de Claudino, quase irreconhecível, com um talho no alvo pescoço, o peito lavado a rubro, o crânio aberto, de onde o miolo espocava. Levaram-no ao cemitério da povoação próxima. Juvêncio acompanhou o cortejo fúnebre e assistiu, à

tarde, ao enterro do amigo. O homicídio foi atribuído aos salteadores da serra. Houve diligências policiais que resultaram inúteis.

Quatro meses após, num dia santo de muito sol, asas e flores, Juvêncio recebia, comovida e trêmula, por sua legítima esposa, Lucinda de Inhá Elisa.

Tudo isso se representava quase ao vivo na mente enfebrecida do caboclo; o cigarro se lhe apagara entre os dedos; a chuva cessara; estava exausto e ia adormecer, quando a companheira, movendo-se, fez que a ponta do cobertor lhe batesse no rosto; gritou, num sobressalto [20], erguendo-se: tivera a sensação de um jorro quente de sangue a lhe inundar a face.

— Uhn! Que houve, Juvêncio? Hein? Que houve?

— Credo, Lucinda! Que pesadelo marvado!

— Tamém, nunca vi, você comeu demais do virado! Eu bem lhi dizia... Agora! Qué alguma coisa? Qué chá?

— Não.

Um cheiro excitante e bom de terra molhada ia no ambiente: dir-se-ia que a natureza toda repousava, cansada da tempestade; e a quietude noturna parecia crescer dentro do espaço, sem um trilo, um murmulho de ramo, ou estalo de móvel, absoluta e enorme...

Pouco antes do almoço, Lucinda pedia à filhinha que acordasse ao pai. Maria, um pequenino coração de dois anos num corpinho nu e quase branco, deixando um sabugo enfeitado que lhe servia de boneca, chegou-se ao leito, pôs-se nas pontas dos mimosos pés e, agarrando-se às cobertas, puxou-as com esforço: depois, toda séria, apinhando os lábios, disse a Juvêncio que se erguera:

— Morxá. É hola.

O homem espreguiçou-se com o rosto fechado em zanga, mas sorriu à criança. Aquela alma cor da noite sorria, com doçura, àquela alma cor da aurora. Maria era filha de Juvêncio: a aurora é bem filha da noite. Daquele coração formidável brotara aquela essência virginal: na putrilagem dos charcos desabrocham lírios; do carvão negro e sujo se desprendera aquele fragmento claro.

Juvêncio observou-a algum tempo, mas reparando que a mulher colocava na mesa travessas fumegantes para o repasto, saiu e, no tanque rodeado de marrecas, fez ligeira ablução, apanhando a água com as mãos em concha. Debaixo do limoeiro, uma porca deitada aleitava os filhos e, sugando, grunhindo, os bacorinhos lhe fuçavam o ventre, às marradas. Uma galinha que, atarefada e ufana, passeava a ninhada, deixou de esgaravatar e, de súbito, abriu as asas para acolher os pintinhos, porque um caracará aparecera no alto. Uma cabra, de aguçados chifres, com campainha ao pescoço, tendo-se levantado nas patas traseiras, firmava os jarretes no grande forno do quintal e lambia demorada, regaladamente, um tijolo.

Juvêncio voltou à casa, enxugou-se com uma toalha encardida de algodão e, defronte a um pedaço de espelho pendurado à parede, cujas rachas eram tomadas com maçarocas de cabelo e palha de milho, completou a toalete, penteando-se.

Quando acabou de comer, ao reparar que Maria, com os olhos largos e azuis, duas nesgas de um céu distante, levava, erradamente, a colher cheia de arroz ao queixo, julgou acertado explicar:

— Coitadinha! Tamém, a boca é tão pequena: custa achá. — E indagou dos outros filhos:

— Eu mandei eles na vila — respondeu Lucinda.

Juvêncio tomou de uma foice, pô-la no ombro, soltou Gigante, que ele prendera na véspera, por causa da chuva, dentro de casa, e saiu.

O cão não o acompanhou imediatamente e quando o roceiro assobiou, chamando-o, o animal apareceu: agitava a cauda e limpava, satisfeito, o focinho com a língua.

— Tá mamparreando tu, Gigante, queria ficá módi cumê mais, guloso?

Iam ao Campinho. Toda vez que lhe doíam remorsos. Juvêncio chegava até lá, e, aos pés de uma cruz destingida e tosca, levantada à porta da casa abandonada, punha braçadas de flores silvestres, e calmava-se.

Fizera isto pela primeira vez, num desespero, chorando, e sentia-se melhorado depois. Dentro da negra superstição que o empolgava, aquele tributo de flores era tão simples, que lhe escapava à argúcia de criminoso, no que o gesto póstumo tivesse de sarcasmo ou ridículo macabro. Executava-o em penitência, religiosamente. A enorme dívida de sangue, pagava-a ele, quando a quando, em quotas de pânico arrependimento, que eram amortizações de perfume. Que a consciência, esse tonel danaídico dos criminosos, se enchia, facilmente, naquele [54] homem, com umas poucas flores. Por isso, resolvera render, mais uma vez, aquela homenagem. Resolvera, e passaria pelo Boqueirão, o que lhe encurtaria a caminhada.

Dia brasileiro! Dia lindo! O céu era uma vasta opalanda de seda azul, lavada e fresca, em que rolavam nuvens brancas e pareciam dormir de asas abertas abutres negros. Nas folhas, brilhava, à luz dourada, o lentejo da chuva; os ramos tinham acenos verdes e as colinas distantes, uma verde alcatifa: flocos de neblina caíam do cabeça à fralda de montanhas, como noivas gigantescas, arrastando grinaldas.

Juvêncio andava preocupado; Gigante saltava as poças do caminho, que tinham revérberos metálicos; andorinhas e chabós grinfavam, aos surtos, por cima deles.

Penetraram a mata, que o sol penetrava também, mas a custo, e com a pompa e o esplendor de um deus pródigo e louro, escorregando raios pelos escassilhos, ora em filões, ora em flechas, e pondo ao chão, em uma fantástica desordem, moedas, manchas, retalhos e figuras de ouro.

O Boqueirão era uma grotá. Tarpeia sertaneja profunda, de onde, diziam, se precipitavam nos tempos coloniais os que deviam responder com vida à lista dos seus crimes. Ao chegar, Juvêncio, que ouvira em criança aquelas lendas, beijou um escapulário que trazia preso a um cordel, sob a camisa, e preparou-se para o pulo.

Uma ponta de pedra, saindo de uma das margens do abismo, quase o fechava por cima, ligando-se à outra como ponte natural. O caboclo saltou da barranca para ela, mas os pés escorregaram no limo que a revestia, sentiu uma onda de éter subir-lhe do estômago, zumbiram-lhe os ouvidos, lançou um grito e ficou, pelas mãos, suspenso no precipício.

Então houve uma luta formidável, do homem contra o acaso, do músculo contra a gravidade.

Há carrascos ocultos na natureza em flor.

Pensamentos em turbilhão acudiram à mente de Juvêncio; suas pernas dançavam no espaço, raspavam [59] os seus pés o dorso do penedo, e os artelhos lhe sangravam inutilmente. O cachorro, ladrando, saltou por cima dele e as patas do animal, cheias de lama, deixaram cair argueiros nos olhos do homem, desmedidamente abertos pelo medo. O cachorro calou-se afinal, e, agitando a cauda, pôs-se a olhar o dono, sem compreender, divertido.

Numa reentrância de granito e embalada na teia pela brisa, uma aranha lançava oito olhos sôfregos para as moscas douradas que passavam, zumbindo, ao sol. O caboclo, enxergando mal, estava tão perto dela que lhe distinguia as fauces vermelhas e o pelo do corpo, hirto como espinhos.

Nos paredões arraigados e para o abismo pendidas, havia samambaias, muscíneas, avencas pendidas e begônias com largas folhas gotejadas de prata. No alto das árvores, em cima, pompeavam claras parasitas.

Os braços começavam a doer-lhe; lembrou-se de gritar, e gritou muitas vezes por socorro, mas aos seus brados angustiosos respondiam apenas os uivos do Gigante, e, em pipilos e gazeios, dentre a espessura, a alegria dos ninhos. Calou-se; olhou para baixo; nova onda de éter lhe subiu do estômago, os cabelos ficaram-lhe de pé e uma procissão de miriápodes de neve lhe passeava à espinha.

O ar trescalava a resina; no fundo, enchendo a grotta de um sussurro manso, deslizava por um leito de pedra, rindo e trebelhando, um tímido regato; vinham das frondes distantes gritos de arapongas, turturinos de rolas e grulhadas de tuim. Súbito, uma alegria o invadiu, como um banho de vida, passou-lhe a zoeira; ia salvar-se. Com um esforço angustiado e titânico, alçou um dos braços e, num verdadeiro bote, dedos crispados, agarrou-se a uma raiz que emergia na barranca de um grande formigueiro de cansação; mas os abalos nela produzidos fizeram que as formigas enormes, irritadas, irrompessem e viessem em magotes pardos, em borbotões velozes: primeiro lhe morderam os dedos, depois os braços, os ombros, e logo o mento, os lábios, os olhos, toda a cabeça, o corpo todo, em picadas de fogo! Era o inferno, mas o instinto de conservação o galvanizava, o coração martelava-lhe ao peito, doidamente, e uma alegria suprema o

tomava inteiro, e ele subia, raspando a pedra, guindando-se, palmo a palmo, pela raiz: estava salvo! Houve, porém, um estalo, a raiz partira-se...

Gigante, surpreendido, viu a queda e pôs-se a uivar dentro da mata.



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez

Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva

Revisão textual: André Azevedo de Alvarenga

Preparação: Malu Schocair

Comunicação Digital: Rebeca Riga

Design gráfico: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras



Tênebra

tenebra.org